

Uma jornada de Lisboa a Roma

leitura e interpretação de um manuscrito setecentista

A journey from Lisbon to Rome: reading and interpretation of a eighteenth century manuscript

Maria Luísa Cabral



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/180>

DOI: 10.4000/cultura.180

ISSN: 2183-2021

Editora

Centro de História da Cultura

Edição impressa

Data de publicação: 1 Junho 2011

Paginação: 89-102

ISSN: 0870-4546

Refêrencia eletrónica

Maria Luísa Cabral, « Uma jornada de Lisboa a Roma », *Cultura* [Online], Vol. 28 | 2011, posto online no dia 18 abril 2013, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/180> ; DOI : 10.4000/cultura.180

Uma jornada de Lisboa a Roma: leitura e interpretação de um manuscrito setecentista*

Maria Luísa Cabral**

Introdução

Neste artigo analisa-se a descrição de uma viagem entre Lisboa e Roma realizada em 1750 por uma comitiva de franciscanos que se desloca à capital do Cristianismo para aí participar no Capítulo Geral, reunião magna da Ordem Terceira. À medida que a viagem prossegue, o relato vai registando e descrevendo locais, pessoas e práticas que tornam a narrativa progressivamente mais cativante, acabando por se revelar um documento de indiscutível significado histórico. Os dados contidos no documento acabam por estabelecer diversas pontes que ajudam a clarificar algumas questões relacionadas com o papel de Frei Manuel do Cenáculo na construção de bibliotecas e se o documento não fornece respostas exactas não deixa de nos alertar e contribuir, para melhor entender alguns aspectos da sociedade portuguesa de setecentos. No seu conjunto, o documento é ambivalente: tanto abre janelas para o futuro como nos embaraça com o mais profundo arcaísmo. É este contraste que, do nosso ponto de vista, melhor exemplifica o ambiente que rodeia, e produz, o manuscrito. Com a nossa análise, temos como objectivos: 1.º apurar até que ponto pode este manuscrito sustentar a afirmação de que a ida a Roma determinou o pensamento de Cenáculo em matéria de bibliotecas; e 2.º participar no debate sobre o matiz do Século das Luzes em Portugal.

O manuscrito: história e caracterização

O documento em torno do qual se desenrolou a investigação que se concluiu neste trabalho é o *Diário do Reverendíssimo Padre Mestre Doutor Fr. Joaquim de S. José na jornada que fez ao Capítulo Geral de Roma em 1750*, manuscrito *in octavo* de quarenta bifólios de papel, em bom estado de conservação, em caligrafia miúda bastante perceptível. Integra o espólio de Frei Manuel do Cenáculo existente na Biblioteca Pública de Évora e não está completo. Daqui em diante designá-lo-emos por *Diário*. Não nos coube o seu achamento ou a sua identificação; trata-se de um manuscrito conhecido desde o século XVIII mas cuja

* Com pequenas alterações, trata-se da comunicação apresentada à Association for Spanish and Portuguese Studies 42nd Annual Meeting, Lisbon, June-July 2011.

** Doutoranda em História Moderna, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

verdadeira importância foi passando despercebida e para cujo conhecimento tentámos contribuir. Em definitivo, estabelecemos a sua autoridade. Vale a pena fazer a história do manuscrito, duplamente interessante.

Envolvidos numa investigação mais abrangente, fomos tropeçando em várias menções ao *Diário*, o manuscrito em causa. A frequência era tão grande e o tipo de referência tão idêntico que, por uma questão de rigor, nos pareceu indispensável avaliar directamente a virtude que lhe era atribuída fazendo o nosso próprio juízo de valor. A simples enumeração dos autores que se lhe referem é de alguma forma indicativa da importância do manuscrito e esse facto, em si mesmo, não deixa de ser curioso. A primeira referência ao manuscrito encontramos-la pelo punho do próprio Cenáculo (1757: 23), figura que na interpretação de alguns autores é “o grande construtor de bibliotecas” do século XVIII português (VAZ; CALIXTO 2006); segue-se a inventariação feita por Frei Vicente Salgado (1787 e 1797), cronista da Ordem Terceira, sobrinho do autor do manuscrito, aluno de Cenáculo, a quem inabalavelmente designa por “Meu Mestre”, e seu grande admirador como fiel e permanentemente transparece nas crónicas quer manuscritas (1787 e 1797) quer impressas (1786, 1790 e 1793); depois Aragão Morato (1815), secretário da Academia Real das Ciências de Lisboa, influente personalidade coimbrã já no dealbar do século XIX; Cunha Rivara, investigador, bibliógrafo e director da Biblioteca Pública de Évora, em 1870 também refere o manuscrito (*apud* Marcadé 1978: 14); Inocêncio da Silva, bibliógrafo entre os bibliógrafos, cita o *Diário* em 1860; seguem-se Gama Caeiro (1959: 36), historiador da filosofia em Portugal particularmente interessado na figura de Cenáculo; Armando Nobre de Gusmão (em 1965 *apud* Marcadé 1978: 14), director da Biblioteca Pública de Évora e que organizou o inventário da correspondência recebida por Cenáculo existente naquela biblioteca; Jacques Marcadé, cuja tese de doutoramento se desenvolve em torno da figura de Cenáculo, dedica alguma atenção ao manuscrito (1978: 41); Machado (1987), João Carlos Brigola (2003: 412, 426), Manuela Domingos (2007 entre outras) ou Francisco Vaz (2009: 15). Todos estes autores que estudaram Cenáculo e que, cada um à sua maneira, tão bem o conhecem, quando se trata do manuscrito, mantêm como denominador comum duas questões. Em primeiro lugar, a autoria do manuscrito. Para Morato, Inocêncio, Caeiro ou Brigola, o manuscrito é um original de Cenáculo; opõem-se a esta atribuição de autoridade Rivara, Gusmão e Marcadé. Esta controvérsia despertou a nossa curiosidade porque ela introduz a segunda questão, isto é, o conhecimento sobre bibliotecas que Cenáculo teria adquirido durante a sua jornada a Roma. Ou seja, este manuscrito revelaria informações preciosas para a compreensão do pensamento de Cenáculo relativamente à organização, provimento e função das bibliotecas. O “grande construtor” teria bebido a sua inspiração nalgumas bibliotecas, e essa informação seria transmitida pelo *Diário*. Para a

investigação mais abrangente que referimos, esta hipótese não podia deixar de ser esclarecida e, por isso, nos debruçamos com afinco sobre o *Diário*.

Sobre a questão da autoria não foi necessário confrontar estilos ou caligrafias. Cenáculo em 1757, no *Elogio fúnebre* (cf. Bibliografia) que tece em homenagem a Frei Joaquim de São José, ao referi-lo, informa-nos peremptoriamente que “Este Douto (...) capaz de escrever em toda a matéria (...) deixou (...) o Itinerário da sua jornada a Roma bem escrito(...)”. Escusado será alongarmo-nos sobre pormenores contidos no manuscrito, a começar pelo próprio título. A atribuição era evidente desde o século XVIII e não sobejam motivos para a pôr em causa. A questão sobre a visita ou contacto com bibliotecas ao longo da viagem até Roma, que se relaciona directamente com a autoria do manuscrito, é a mais interessante. É verdade que Cenáculo refere a aprendizagem que esta ida a Roma lhe proporcionou, mas nós sabemos isso porque o próprio o afirma (1794) e porque transparece das palavras de Vicente Salgado (1797: 266): “o trato civil dos sábios, as coisas grandes e novas, as distintas e numerosas bibliotecas fazem encher de novas ideias a sua grande alma”, e não porque haja registo específico, ou de monta, no manuscrito. A fim de completar este quadro em torno do manuscrito, convirá acrescentar alguma coisa sobre a comitiva.

Sabemos pouco sobre a comitiva: foi composta de seis elementos, três deles bem referenciados, talvez mesmo um quarto. Primeiro o autor: Frei Joaquim de São José (1707-1755) frequentou o Colégio de Santo Antão em Lisboa, transitou depois para a Universidade de Coimbra, acabando mestre de Filosofia no Colégio de S. Pedro de Coimbra. Aqui foi professor de Manuel do Cenáculo com quem haveria de estabelecer grande amizade. Era tio de Frei Vicente Salgado, que o refere como “meu sábio Tio” (Salgado 1790: 46), “saudoso sempre à minha memória pela estreita sanguinidade que nos ligava” (Salgado 1793: 206). Introduzo este dado porque Frei Vicente será um dia pupilo de Cenáculo e não me parece que se possa deixar de fora esta relação em cadeia quando se lê este manuscrito. Durante o tempo que Frei Joaquim esteve no Colégio de S. Pedro, teve uma intervenção considerável na formação da Livraria para a qual “comprou uma porção avultada de Livros para aumento daquela Bibliotheca, que também se dividirão com a Livraria de Lisboa; em que entrava huma bastante collecção dos Santos Padres das edições Maurianas, e outros Autores escolhidos” (Salgado 1793: 207). Frei Joaquim por mais de uma vez no seu relato deixa escapar o interesse por livros e, portanto, voltaremos a este aspecto mais adiante. Ainda para estabelecer outra ligação com o manuscrito, não poderemos deixar de indicar que numa fase tardia da sua vida iniciou os estudos de Hebraico e Grego, coisa para a qual talvez tenha contribuído, no seu caminho para Roma, a visita ao Colégio Trilingue, em Alcalá, local de excelência no ensino daquelas línguas. Sobre Frei Joaquim, ainda sabemos que ocupou altos cargos na hierarquia dos Terceiros e que se orgulhava parti-

cularmente da eleição para Definidor Geral que aconteceu em Roma (1750) no Capítulo Geral, “com quase todos os votos”, como sublinha no seu *Diário*. Da leitura e análise do manuscrito, sobre o qual Vicente Salgado esclarece que “he cheio de erudição mystica e profana, e varias noticias interessantes às letras” (1787), consegue-se traçar um perfil bastante completo de Frei Joaquim, tanto na sua vertente eclesiástica como numa vertente mais pessoal, confirmando tudo quanto os seus biógrafos testemunham sobre o seu carácter afável.

O outro elemento da comitiva que vem identificado é Manuel do Cenáculo (1724-1814). Ao longo do texto do manuscrito por quatro vezes o seu nome é mencionado, percebendo-se como Frei Joaquim o estimava e como eram próximos: partilham os cómodos, celebram o serviço religioso, fazem visitas de cortesia e deslumbram-se juntos. E nestas ocasiões o resto da comitiva não parece importar; além de próximos, acrescentaríamos que Manuel do Cenáculo é o elemento de confiança de Frei Joaquim. Sobre Manuel do Cenáculo, o manuscrito não adianta mais informações. Também nunca lhe é passada a palavra nem nunca fica registada alguma observação, algum comentário que Cenáculo pudesse ter feito quando confrontado com as grandes bibliotecas de Madrid, Bolonha ou Roma. Rigorosamente nada. Este aspecto não é despreciando e tem de estar muito presente na nossa análise, já que a importância atribuída ao manuscrito proviria exactamente do significado que esta viagem teria tido sobre Cenáculo. Não pomos em causa que a viagem tivesse tido toda a importância para Cenáculo, mas essa conclusão não pode ser retirada a partir do manuscrito. Chegamos lá por assunções várias, a que não são estranhas as declarações *a posteriori* de Cenáculo (1794) ou as múltiplas alusões de Vicente Salgado. Cenáculo integra a comitiva e, à medida que progredimos na leitura do manuscrito, percebemos que ele é a segunda figura, uma espécie de secretário, como Frei Vicente Salgado o designa (1790: 42), ou conselheiro, o que, para Cenáculo, era efectivamente uma honra e uma responsabilidade. Honra porque é a primeira vez que Cenáculo sai do país (ele não o sabe naquela altura, mas Roma será uma das duas únicas vezes que atravessa a fronteira ao longo de 90 anos de vida) e responsabilidade por ser o braço-direito do delegado português ao Capítulo Geral. Cenáculo tem apenas 25 anos, mas como ele soube aproveitar esta grande oportunidade! Uma característica que acompanhará Cenáculo e que ele sabiamente irá gerindo em proveito próprio, da sua congregação e do próprio país.

O terceiro elemento que bem identificámos é Frei Domingos da Encarnação (1715-1755), também professor na Universidade de Coimbra, Doutor em Teologia e que chega a Provincial dos Terceiros em 1752. Não pelo manuscrito mas por informações colhidas através de Frei Vicente Salgado, cronista da Ordem, ficamos a saber do seu carácter determinado e belicoso, o qual lhe terá provocado problemas dentro da própria Ordem, acabando

por ser substituído pelo próprio Frei Joaquim de São José poucos meses antes da morte deste e quando já se encontrava debilitado.

Quanto aos outros personagens, o documento refere sem destaque três outros, nomeia-os mas sobre dois deles nada mais conseguimos apurar. De entre estes três, segue um Frei Vicente que se percebe ser o mais novo e o menos qualificado (é o que deduzimos porque na ocorrência de uma situação de crise alguém tem de ser deixado para trás e a escolha recaí sobre este Frei Vicente), e perguntamo-nos se este Frei Vicente não será o próprio Vicente Salgado, sobrinho do chefe da delegação e aluno de Cenáculo. Ora, o manuscrito é absolutamente omissivo e não refere nenhum episódio que possa trazer alguma luz. Entre os muitos escritos de Frei Vicente Salgado, também não identificámos nenhuma referência, nenhuma memória ou lembrança que o liguem a essa viagem, o que dificilmente se acredita pudesse acontecer caso Frei Vicente tivesse de facto integrado a comitiva. Restam-nos, pois, a interrogação.

São estes os seis romeiros que integram a delegação que abala para Roma com cerca de três meses de antecedência sobre o Capítulo Geral. Deixa Lisboa, do Boqueirão da Ribeira, em direcção a Aldeia Galega a 12 de Fevereiro, para rumar a norte e a oriente num final de Inverno que ainda se vai mostrar longo e duro por paragens inóspitas. Uma antecedência desnecessária, logo, suspeita.

Falta um último apontamento sobre o manuscrito. O manuscrito tem a forma de diário, isto é, um conjunto de relatos com uma sequência temporal devidamente assinalada. Vamos assim, dia após dia, acompanhando os romeiros, as suas dúvidas, descobertas e comentários. A determinada altura, o Capítulo Geral tem lugar e dispersa, surgindo então uma designação que, aparentemente, fecha o *Diário*. Com alguma excitação lemos a seguinte epígrafe: “Seguem-se os mais dias que estivemos em Roma até o dia dezanove de Julho em que dela saímos”; mas, ao ler a descrição, de imediato nos apercebemos que o manuscrito não termina ali, que é inconclusivo e está incompleto. Acaba abruptamente sem dar nenhuma explicação, sem apresentar um final mais convincente. Uma vez que era impossível obter uma explicação a partir do manuscrito, procurámos nas fontes uma clarificação, o que conseguimos consultando Aragão Morato (1815) que, ao referir-se ao manuscrito, diz: “Começa este Diário em 12 de Fevereiro (...) e acaba em 17 de Agosto, dia em que entrarão já de volta em Elvas.” Tece ainda outras observações que sugerem claramente que teve o manuscrito nas suas mãos. Ou seja, o regresso foi bem mais rápido que a ida, deve ter sido em parte por via marítima e, portanto, ao relato falta cerca de um mês de descrição.

Estas observações nem por sombras podem ser tidas como minudências; contextualizam a informação contida no manuscrito e lançam pistas sobre a que está omissa. Quando Cenáculo reconhece o muito que aprendeu na sua viagem a Roma, podemos afirmar que

nos faltam referências concretas sobre essas experiências e aprendizagem, mas também podemos elaborar sobre a forma como ele ocupou o tempo em Roma depois do Capítulo Geral até à partida, o que corresponde, *grosso modo*, a um período de dois meses. Chegam a Lisboa três semanas depois da morte de D. João V.

Interpretação do manuscrito

A leitura crítica do manuscrito permite-nos apartar os elementos concretos, referidos directamente pelo seu autor, dos elementos menos mensuráveis a partir dos quais se podem adiantar hipóteses que se conjugam muito bem com a situação de então em Portugal. Não receamos dizer que este segundo nível é bem mais sugestivo que o primeiro.

Começemos pelos dados objectivos. O *Diário* foi escrito para servir de “bordão da memória”. Ao utilizar esta expressão, Frei Joaquim dá logo uma indicação preciosa sobre hábitos de convívio, de comunicação de experiências, do que podia ser a vida comunitária entre os Franciscanos: o *Diário*, no regresso, serviria de apoio no relato que viessem a fazer sobre esta viagem e era indispensável assegurar um registo rigoroso das horas do dia. Não se tratava de um documento reflexivo, intimista, para uso pessoal exclusivo. E, de facto, assim é. Constituindo um bom registo de viagem, não contém grandes pensamentos, não é um documento profundo. Fica-nos a sensação de que muitas circunstâncias lhe passam despercebidas; as descrições e impressões tendem a ser muito ligeiras, mas, admitindo que houve uma escolha, então, não há casualidade e teremos de concluir que à quietude da vida conventual chegavam notícias do mundo e que nessa calma comunitária havia muitos ouvidos disponíveis para as novidades do exterior. Há algumas características constantes do princípio ao fim do manuscrito. A mais frequente é a apreciação diária sobre a qualidade da acomodação e sobre as refeições, tudo junto claro com a questão do preço. A este propósito, Frei Joaquim faz comentários detalhados ora simpáticos, ora jocosos, por vezes irritados. Diz ele: “Nessas estalagens [de Espanha] pede uma pessoa o que quer e paga como come; mas nestas de França come o que lhe dão e, ou come bem ou mal, sempre paga como quem come bem.” Tratava-se de matéria para a qual sabia vir a reunir, certamente, audiência curiosa. Também vai muito atento à condição dos caminhos e dos campos lavrados que vão encontrando; introduz sempre uma comparação com Portugal não perdendo o sentido crítico. As cidades, o tipo de construção, os edifícios religiosos ou civis, algumas menções ao vestuário feminino. Nunca cáustico ou brejeiro mas sempre calmo, atento, afável até.

Temos depois um nível de descrição mais subtil apesar de rico a partir do qual podemos estabelecer pontes com a situação portuguesa. Referimos as notas que vai tomando sobre bibliotecas e livros, sobre universidades e seus currículos, sobre conhecimento cien-

tífico e, até mesmo, urbanismo. Não se imagine que são apontamentos alongados. Mesmo não o sendo, o facto de incluir esses apontamentos denota curiosidade e preocupação e isso, por si só, já é muito interessante. Fundamentalmente são notas para responder à pergunta: “Nessas terras, como é?” De fora para dentro, Frei Joaquim colige testemunhos para atender aos seus companheiros religiosos como que a demonstrar o que se pode alcançar (o caso das bibliotecas em Madrid, em Bolonha ou em Aracoeli, Roma), ou a comprovar experiências bem sucedidas (o exemplo do ensino em Alcalá ou Bolonha), ou a realçar avanços científicos notáveis (como no Instituto de Bolonha), ou a revelar soluções urbanísticas bem sucedidas (na circunstância Turim), ou a exemplificar práticas de leitura (como nos Altos Alpes, Delfinado fora). Proporcionalmente, as suas observações sobre arquitectura religiosa são bem mais limitadas, donde não será excessivo concluir que a audiência, a quem ele dedicava a elaboração do *Diário*, não estaria particularmente interessada pela matéria. Não parece descabido concluir que Frei Joaquim era um homem bem informado e atento, tendo seguido viagem com o espírito avisado. O que ele regista não é muito pormenorizado, não segue exactamente o modelo prescrito pelo *Peregrino Instruído* (Buescu 2000) mas a sua leitura não é casual ou aleatória, as suas observações deixam perceber uma preparação prévia. Há uns pormenores que lhe merecem sempre atenção como se fossem expectáveis. O “bordão da memória” funcionaria para o princípio da narração; do resto, ir-se-ia lembrando e juntando, colorindo o relato, enriquecendo a informação. O manuscrito nunca foi impresso, não se justificaria dado o fim com que as notas foram sendo reunidas e também porque o conteúdo se ficou muito pela rama, mas dispor dele como “bordão da memória” flexibiliza o manuscrito de forma subtil.

Outro conjunto de informação muito diferente que identificámos prende-se com a escolha do itinerário da viagem. A viagem a Roma não se destinava a ser uma viagem de peregrinação e também não foi uma viagem de estudo. Tratou-se de uma viagem para cumprir uma missão qual era a de participar no Capítulo Geral da Ordem Terceira. Deste ponto de vista, era uma viagem fora do tempo. Difícil conceber uma viagem tão pouco ambiciosa na Europa setecentista! Um livro muito recente sobre a temática das viagens e viajantes no período das Luzes (Barbier 2010) volta a alertar-nos para o facto de o interesse pelas curiosidades de ordem artística ou científica adquirirem um peso cada vez maior nos relatos de viagens setecentistas, o que os distingue, em definitivo, de relatos anteriores predominantemente de carácter religioso. Ora, esta viagem acabou por se transformar numa verdadeira peregrinação, santuário atrás de santuário, milagre após milagre, locais de devoção uns atrás de outros. Não há igreja, local de culto, relíquia, santo e mártir que não seja visitado e venerado. Visitas sempre acompanhadas pelas histórias e episódios do maravilhoso pouco em sintonia com a Europa iluminista. Em quase três meses de viagem,

são muito poucos os dias sem a marca de manifestação religiosa ou devocional na linha das reformas pós-Trento. Uma vez que estas manifestações – isto é, as práticas religiosas na linha das decisões de Trento – acabam por se tornar o cerne da narração revelando um arcaísmo relativamente à Europa do Norte, este manuscrito faz-nos repensar a problemática sobre as grandes diferenças culturais entre a Europa do Sul e a Europa do Norte. Uma vez que uma das personagens da narrativa acabará por desempenhar papel decisivo na construção das bibliotecas portuguesas do século XVIII, mais fascinante se torna inquirir o manuscrito. Referimo-nos, claro, a Frei Manuel do Cenáculo.

Como aludimos no início deste texto, a narrativa, ainda que timidamente, tanto nos abre portas para o futuro (com as referências a Turim, Bolonha ou com o espanto sobre a literacia das mulheres em França) como põe em causa qualquer hipótese de mudança ou inovação (com todas as manifestações religiosas de grande pendor tradicionalista). Na ambivalência que caracteriza o manuscrito, diríamos que leva a melhor o pendor pró-Concílio de Trento; a apetência pela abertura, com notícias sobre o ensino, as bibliotecas ou o conhecimento, é, proporcionalmente, uma manifestação ténue. Imaginando que este manuscrito fosse seleccionado para uma qualquer Arca de Noé, a visão sobre o século XVIII português classificá-lo-ia como muito recuado, repleto de práticas religiosas que não conviveriam com “o movimento de ideais [...] proclamando, em lugar da tradição, o valor da razão e do espírito crítico em todas as esferas da acção humana” (Araújo 2003: 16). Portanto, sem pretender atribuir-lhe um relevo que ele não tem, julgamos que este manuscrito cabe no debate em aberto sobre o Século das Luzes em Portugal.

Não apresentámos as personalidades que são referidas no manuscrito, as quais, aliás, não são muitas. Ainda que brevemente, vale a pena citar dois casos. O primeiro é Fr. José Maria da Fonseca e Évora: muito embora não o tenham encontrado, ele é alvo de referências elogiosas pelo bom trabalho que fez na biblioteca do Convento de Aracoeli e pela boa reputação que deixou sobre Portugal; e, depois, não podemos deixar passar a referência que é feita a Ludovico António Muratori. Este contacto é particularmente intrigante porque, aquando da passagem dos franciscanos pelo convento em Bolonha, Muratori faz questão de receber Frei Joaquim e Cenáculo na sua própria cela onde está acamado. Sendo Muratori uma figura de destaque das Luzes de Itália e da Europa, como teólogo e como historiador, não deixa de ser digno de nota que insista no encontro, o qual se torna bastante agradável “não obstante a febre que o [Muratori] oprimia se desfez em afectos com que nos acariciou e tratou e mandou logo fazer chocolate que tomámos” como se apressa a explicar Frei Joaquim. Atenções por certo a que não terá sido estranho o bom e estreito relacionamento entre Muratori e Verney (Moncada 1950). Sem nos alongarmos sobre este tópico não deveremos prosseguir sem referir a problemática do Iluminismo

Católico assim introduzida, bem como a janela que se abre para as eventuais afinidades intelectuais entre personalidades bem centrais na cultura europeia, de Itália a Espanha, estabelecendo um triângulo que envolverá Muratori e Mayans y Siscar (Mestre 1997) e, anos depois, Cenáculo (Piwnick 1986). Muratori estava alertado para factos da história de Portugal por Verney certamente mas também por Mayans y Siscar e este conhecimento pode explicar a insistência em receber aqueles dois franciscanos, insistência sem dúvida não desprovida de muita curiosidade. A propósito deste encontro, vale a pena também acrescentar que o mesmo, verificado em Abril de 1750, põe em causa alguma bibliografia que dá Muratori como falecido em Janeiro desse ano.

De forma sintética, apresentámos os vários níveis de informação objectiva. Por trás destes, no entanto, lateja outra informação que tem de ser considerada no campo das hipóteses. Quando afirmámos que a partida para Roma acontecera com “uma antecedência desnecessária, logo, suspeita”, introduzimos a questão. Os franciscanos sabem que o Capítulo Geral se realizará na primeira quinzena de Maio daquele ano de 1750. Não teriam precisado de sair com três meses de antecedência, a 12 de Fevereiro, se o fito da jornada fosse exclusivamente chegar a Roma a tempo do Capítulo Geral. Não concluímos isto *a priori* nem recolhemos a informação noutra fonte para além do manuscrito. Foi a própria descrição de Frei Joaquim que nos alertou ao deixar escapar algumas incompatibilidades. De facto, em Barcelona (depois de trinta e três dias de viagem), coloca-se a possibilidade de seguirem de barco até Itália (o porto não é especificado) e Frei Joaquim apressa-se a argumentar que é melhor seguir por terra porque o perigo dos piratas é real. Contratados carregadores e azémolas e, ei-los, caminho fora em direcção a França. Cruzam os Pirenéus, chegam a Montpellier e, quando o mais plausível seria prosseguirem ao longo das costas dos Golfos de Leão e Génova, a partir dos quais começariam a descida para Roma, não, desviam-se e rumam a norte, mais especificamente em direcção aos Alpes Centrais. Fomos seguindo no mapa com imensa curiosidade este desvio por paisagens inóspitas. Os comentários, parcos, são sobre as hospedarias, as estalajadeiras francesas, o trato das populações, as dificuldades dos caminhos “dando princípio à subida dos Alpes que continuámos com muito tento e pausa porque o caminho não admite ligeiras; íamos cercados de neve por toda a parte, pisando neve e cobertos dela”. Chegam a Grenoble, que apenas merece o reparo de “cidade bonita”, e só depois iniciam a descida, arrostando com a rudeza das encostas e ravinas do Monte Cenis, Delfinado, Piemonte. Não se apresenta nenhuma justificação para este desvio que equivale a cerca de quarenta dias a mais do que o tempo necessário para o percurso directo para Roma. Ora, se este desvio não tivesse sido antecipadamente planeado, chegariam a Roma depois do encerramento do Capítulo Geral. Não houve, pois, imprevistos, tudo foi calculado, isto é, tempo necessário e o dinheiro imprescindível. Ou seja, esta volta

extemporânea terá sido autorizada pela própria Ordem, não se pode admitir que doutra forma tenha acontecido. Mas, afinal, o que é que foi calculado? O manuscrito é absolutamente omissivo, nenhum vislumbre que nos permita concluir seja o que for. A única pista identificamo-la, dissimulada, a partir do próprio itinerário. Sem peias, os romeiros dirigiram-se para o Briançon bem no coração do Delfinado, paredes meias com o Piemonte, onde os “mercantes” livreiros desenvolvem intensa actividade editorial e donde muitos virão para Portugal. Toda a região a noroeste de Turim é um pólo de atracção da actividade editorial, há vasta bibliografia a demonstrar as ligações entre esses mercadores livreiros e Portugal, sendo especialmente activa em setecentos (Domingos 1991 e 1995; Guedes, 1998 e 2000). Pela nossa parte trata-se ainda de mera hipótese, ainda que nos pareça fortemente plausível considerando, na circunstância, o calendário estipulado e os perfis dos romeiros Frei Joaquim de São José e Frei Manuel do Cenáculo, ambos interessados e envolvidos com livros, bibliotecas, ensino, universidade. Talvez que o resto da comitiva tenha sido arrastado mas para Frei Joaquim e para Cenáculo tratou-se de uma oportunidade de ouro. Tudo se perfila para nos fazer acreditar que o fito terá sido aprofundar contactos com os mercadores livreiros, já que o estabelecimento dessas relações entre o Delfinado e Portugal remonta à primeira metade do século XVIII (Guedes, 1998: 63 e ss.), mas voltaremos a este ponto futuramente. Chegados a Turim no Piemonte, de novo, em vez de continuarem para sul, optam por se dirigirem para wste a caminho do Adriático. Ao contrário do que aconteceu com o desvio pelos Altos Alpes, este é explicado: os romeiros querem ir até Rimini venerar Santo António. Pese embora a justificação, é um desvio considerável porque terão de atravessar diametralmente a Península Itálica duas vezes, na ida e na volta, passando por Ancona, pelo Loreto e por Assis para, finalmente, ganharem Roma. Com alguma ironia, podemos concluir que o trajecto foi tortuoso quanto baste, física e substantivamente.

Conclusão

Este manuscrito revela ambiente e mentalidade em grande contraste com aqueles que caracterizavam a Europa do Norte. Quando os viajantes ingleses ou franceses ou alemães descem ao Sul e fazem as suas descrições um pouco estupefactas, quase atribuindo o rótulo de exótico a Portugal, não é difícil percebê-los. Não se trata, claro, do exotismo oriental, da Turquia ou de paragens ainda mais longínquas, mas eles encontram aqui coisas inexplicáveis para o que bastará ler as páginas de Baretti ou Beckford. Sobretudo as descrições das manifestações de cariz religioso, exactamente aquele aspecto que, à exaustão, caracteriza o manuscrito. Há uma clara falta de sintonia com as narrativas de viagens que vão introduzindo na Europa a ideia de diferença e de tolerância (Hazard 1948: 21),

contribuindo para fortalecer a ideia de que a Europa vai acontecendo a vários tempos e que a ausência de uniformidade não justifica a exclusão de nenhum parceiro (Chaunu 1985, vol. 1).

No *Diário* não existe nenhuma atitude expectante ou questionadora. Relata-se o que se vê, não há comparações, nem espanto, nem perplexidade. Embora a Espanha, a França, a Sabóia-Piemonte ou a Itália não correspondessem a paragens “exóticas”, também é verdade que havia diferenças culturais com Portugal embora não sejam suficientes para promover o debate. É como se de Lisboa a Roma a continuidade fosse a regra. Ora, esta ausência de crítica comparada não é própria do século XVIII. Outra marca do *Diário* prende-se com a descrição omnipresente do maravilhoso e este paradigma é estranho ao espírito das Luzes. E citamos: “A palavra-chave das Luzes é a razão. Esta implica uma certa forma de tolerância e a sua construção apoia-se numa enorme difusão de conhecimentos. A sua eficácia parece demonstrada pelo sucesso de estados como as Províncias Unidas... Pelo contrário, as dificuldades de outros estados, como a Espanha ou como um certo número de estados Italianos, manifesta um carácter inadaptado de uma religiosidade demasiado austera” (Barbier 2010: 22-23).

Convivem, pois, neste manuscrito duas experiências contraditórias – pouca crítica e muita religiosidade –, o que revela com propriedade a antinomia “claro e escuro” do Barroco como corrente de pensamento e como expressão artística consentâneas com o catolicismo pós-Trento. O documento é, em termos europeus, tardio para fazer tamanha concessão ao lado sombrio, mas é exactamente neste contraste temporal que reside o seu maior interesse. Bem como, sem dúvida, na pressuposta transferência cultural que se exerce sobre Cenáculo. O *Diário* revela indubitavelmente a corrente de pensamento desenvolvida no pós-Trento com a veneração das relíquias a assumir um lugar “sin medida ni discrección” (Júlio Caro Baroja *apud* Bouza 1990: 44), papel que Portugal desempenhou de forma assinalável (Carvalho 2001).

Relativamente à importância que esta viagem teria representado para Cenáculo na sua aprendizagem sobre bibliotecas, não podemos afirmar que o manuscrito seja conclusivo. As bibliotecas, poucas, são referidas quase de passagem e o tipo de observação é parco: nada se recolhe sobre os livros ou sobre a organização das bibliotecas. Certamente que Cenáculo ficou marcado com o que viu, mas a sua profunda aprendizagem não está registada no documento cuja apresentação aqui fizemos. A informação que reuniu em Itália vai constituir um lastro para o resto da sua vida, o próprio o reconhece, mas onde, como e com quem são perguntas a aguardar resposta. Sobre universidades e museus, quase se pode dizer o mesmo: não está em causa o interesse da viagem ou do relato; tão-pouco se duvida do impacto que as universidades visitadas possam ter tido sobre a sua formação,

mas as influências são tão poderosas e determinantes que Cenáculo obrigatoriamente viu, ouviu, visitou, contactou ou conviveu com muito mais gente do que o manuscrito refere.

Como acontece em geral com a literatura de viagens, há uma margem considerável para a interpretação do leitor. Cabe ao leitor a responsabilidade de perscrutar a intenção do autor. O que aconteceu com este manuscrito, parece-nos, não fugiu à regra. Analisámos o que estava expresso, arriscámos um pouco sobre o que parece estar subentendido, deixámo-nos envolver pelos personagens, acreditando sempre nas palavras de Frei Vicente Salgado que eles “foram vendo com olhos de ver” (1790: 43) enquanto, também nós, ficámos alertados para um importante conjunto de situações.

Fontes e bibliografia

Fontes manuscritas

SALGADO, Vicente. *Catalogo de escritores da Ordem Terceira*. 1787. Em papel, encadernado, paginação múltipla (Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, Ms. 121 V).

— *Catalogo historico dos escritores da Congregação da Terceira Ordem de Portugal*. 1797. Em papel, encadernado, paginação múltipla (Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Ms. 505 V).

SÃO JOSÉ, Joaquim de. *Diário do Reverendíssimo Padre Mestre Doutor Fr. Joaquim de S. José na jornada que fez ao Capitulo Geral de Roma em 1750*. Mss. BPE Cód. CV1-10d.

Fontes impressas

BARETTI, Joseph. *A Journey from London to Genoa through England, Portugal, Spain and France*. London: T. Davies, 1770. 4 v.

BECKFORD, William. *Diário de... em Portugal e Espanha*. 3.ª ed. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1988. 233 pp. (Série Portugal e os Estrangeiros).

CENÁCULO, Manuel do. *Elogio Fúnebre do Padre Fr. Joaquim de S. Joseph (...)*. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1757. [12], 24 pp.

— *Memórias históricas e appendix segundo à Disposição Quarta da Collecção das Disposições do Superior Provincial, para a observância e estudos da Congregação da Ordem Terceira de S. Francisco*. Tomo 2. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1794. [6], 319 pp.

MORATO, Francisco Manuel Trigo de Aragão. “Elogio histórico do Excellentíssimo e Reverendíssimo D. Fr. Manoel do Cenáculo, Arcebispo d’ Evora (...) em 24 de Junho de 1814.” *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Na Typographia da mesma Academia, 1815. T. 4, Parte 1, pp. LXIII-CXX.

- SALGADO, Vicente. *Compendio histórico da Congregação da Terceira Ordem de Portugal*. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1793.
- *Memorias ecclesiasticas do Reino do Algarve oferecidas ao Exc.^{mo} e Ver.^{mo} Bispo de Beja (...)*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1786. [32], 316, [1] pp.
- *Origem, e progresso das línguas orientaes na Congregação da Terceira Ordem de Portugal*. Oferece ao Exc.^{mo} e R.^{mo} Senhor Bispo de Beja (...). Lisboa: Na Offic. de Simão Thadeo Ferreira, 1790. 93 pp.

Bibliografia

- ARAÚJO, Ana Cristina. *A Cultura das Luzes em Portugal: Temas e problemas*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 126 pp. (Temas de História de Portugal)
- BARBIER, Frédéric. *Le Rêve grec de Monsieur de Choiseul. Les voyages d'un Européen des Lumières*. Paris: Armand Colin, 2010. 302 pp.
- BATTLORI MUNNÉ, Miguel. «Presencia de España en la Europa del siglo XVIII». [Prólogo, pp. XI–XL]. *La época de la ilustración*. V. 1 – *El Estado y la cultura (1759-1808)*. Madrid: Espasa-Calpe, 1992. 3.^a ed. XL, 1087 pp. (Historia de España Menéndez Pidal; t. 31)
- BOUZA ÁLVAREZ, José Luis. *Religiosidad contrarreformista y cultura simbólica del barroco*. Prólogo de Júlio Caro Baroja y de António Domínguez Ortiz. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1990. 484 pp.
- BRIGOLA, João. *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 614 pp. (Tese de Doutoramento)
- BUESCU, Ana Isabel. «O Peregrino Instruído. Viagem e poder na Europa setecentista». In BUESCU, Ana Isabel – *Memória e Poder: Ensaios de história cultural (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Cosmos, 2000, pp. 109-133.
- CAEIRO, Francisco da Gama. *Frei Manuel do Cenáculo: Aspectos da sua actuação filosófica*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, 1959. xvi, 352 pp.: il.
- CARDOSO, Arnaldo Pinto. *A Presença Portuguesa em Roma*. Lisboa: Quetzal, 2001. 295 pp.; muito il.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas. «Os recebimentos de relíquias em S. Roque (Lisboa 1588) e em Santa Cruz (Coimbra 1595). Relíquias e espiritualidade. E alguma ideologia». *Via Spiritus*, 8 (2001). 95-155.
- CHAUNU, Pierre. *A Civilização da Europa das Luzes*. Lisboa: Estampa, 1985. 2 v.
- DOMINGOS, Manuela D. «Colporteurs ou livreiros? Acerca do comércio livreiro em Lisboa 1727-1754». *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2, v. 6, n.º 1 (1991). 109-142.
- «Contratos e sociedades de um livreiro de Setecentos. João Baptista Reyceud». *Revista da Biblioteca Nacional*, S. 2, v. 10, n.º 1-2 (1995). 195-212.

- GUEDES, Fernando. *Os Livreiros Franceses em Portugal no Século XVIII. Tentativa de compreensão de um fenómeno migratório e mais alguma história*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1998. 103 [8] pp.
- *João Baptista Reycond: ascensão e queda de um livreiro franco-piemontês. Duas viagens ao Delfinado em busca de memórias de antigos livreiros lisboetas*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 2000. 65 [2] pp.
- HAZARD, Paul. *Crise da Consciência Europeia*. Trad. e notas de Óscar de Freitas Lopes. Lisboa: Edições Cosmos, 1948. 364 pp. (A Marcha da Humanidade. Série F: História Geral da Cultura; 1) (1.ª ed. 1934).
- KLUBER, George. *Arquitectura de los siglos XVII y XVIII*. Madrid: Editorial Plus Ultra, c. 1957. 379 pp.: amplamente il. (Ars Hispaniæ: Historia Universal del Arte Hispânico; 14)
- MACHADO, José Alberto Gomes. *Um Coleccionador Português do Século das Luzes: D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, Arcebispo de Évora*. Évora: Publicações Ciência e Vida, 1987. 113 pp. (Novos Temas da Arte Portuguesa; 1)
- MARCADÉ, Jacques. *Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas Évêque de Beja, Archevêque d'Évora (1770-1814)*. Paris: Centro Cultural Português, 1978. XIV, 592, [1] p. (Cultura Medieval e Moderna; 14)
- MESTRE SANCHIS, António. "Correspondência erudita entre Mayans y Muratori". *Revista de Historia Moderna. Anales de la Universidad de Alicante*, 16 (1997). 11-50.
- MONCADA, Luís Cabral de. *Século XVIII – Iluminismo católico, Verney – Muratori*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1950 (Estudos de História do Direito; 3).
- PIWNICK, Marie-Hélène. "La correspondance Mayans-Cenáculo". *Arquivos do Centro Cultural Português*, 22 (1986).
- SILVA, Inocêncio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez (...)*. Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1858. 23 v.
- TAPIÉ, Victor L. *Barroco e Classicismo*. 2.ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1988. 2 v.
- VAZ, Francisco António Lourenço, coord. *Os Livros e as Bibliotecas no Espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo. Repertório de correspondência, róis de livros e doações a bibliotecas*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2009. 669 pp. (Fontes)
- VAZ, Francisco António Lourenço; CALIXTO, José António, coord. *Frei Manuel do Cenáculo Construtor de Bibliotecas*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006. 95 pp.